

# A relação entre a arte e a bioética como *ética-da-vida* ou *aionética*<sup>1</sup>

Ursino Neto

*Arte é o exercício experimental da liberdade*  
(Mario Pedrosa)

## SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 A linguagem da arte
- 3 A arte produz liberdade
- 4 A relação entre a arte e a bioética como *ética-da-vida* ou *aionética*
- 5 Considerações finais

### 1 Considerações preliminares

Sócrates inaugurou a tradição dos exercícios éticos na Antiguidade e, no decorrer da história, eles tiveram várias denominações com enfoques de atividades e conteúdos diferentes de acordo com a época, com o seu proponente, com a corrente de pensamento na qual se inseria e até do intérprete que designou a nomenclatura delas para a posteridade.

A lista deles é extensa: “conhecimento de si”, “cuidado de si”, “exercício espiritual”, “prática de si”, “técnica de existência”, “prática confessional”, “tornar-se o que se é” etc.

Embora expressando horizontes diversos, eles tinham uma perspectiva comum: a busca da sabedoria para viver melhor em sociedade.

Entretanto, com advento da Modernidade, a força hegemônica do racionalismo impôs o conceito do conhecimento de si como autoconhecimento estabelecendo um novo significado com uma mudança paradigmática de valor.

O “eu” como o sujeito da racionalidade reflexiva assumiu a garantia do “si”.

Em outras palavras, a constituição do sujeito<sup>2</sup> (como consciência psicológica ou *self-central*) foi determinada, pautada na concepção lógica cartesiana e inserida em uma linguagem científica capaz de explicar a verdade do objeto; no caso, o próprio “eu”.

Entretanto, já se sabe que tal modo de interpretar o “si” foi superado pela crítica de Friedrich Nietzsche (1844-1900) na elaboração conceitual do *tornar-se o que se é*<sup>3</sup>.

O filósofo alemão inventou uma nova cartografia para o “si” nomeando-o de *Selbst* (na sua língua), o si corporal ou o Si-mesmo (na tradução).

A bioética como *ética-da-vida* ou *aionética* segue o mesmo direcionamento de Nietzsche, porém assume uma vereda singular e reivindica um estilo próprio.

A *ética-da-vida* ou *aionética* é o saber ético propositivo que supera o conhecimento de si ou o autoconhecimento da consciência psicológica.

Lembrando, superar não é derrotar, não é elidir, não é excluir; mas ultrapassar um significado inicial com o propósito de atribuir-lhe um novo valor.

---

<sup>1</sup> Texto didático 8 (graduação 2020.1), uma referência para produzir um exercício de experiência ética.

<sup>2</sup> Cf. Texto didático 6: *O que é o homem? O erro de Descartes e a interpretação contemporânea da natureza humana.*

<sup>3</sup> Cf. Texto didático 7: *Como se adquire a humanidade? Os exercícios de experiência ética.*

Ela interpreta o “si” como uma figura pronominal impossível de enquadrar em uma determinação gramatical e o relaciona ao ato inventivo que transforma o ser humano por intermédio do processo da *invenção-de-si*.

Para nós, esta invenção é um exercício de experiência ética que resgata a concepção originária da configuração do *Ethos* concernindo ao caráter, ao modo de ser do homem, à sua singularidade, valorizando a sua potência interior, a sua excelência (*areté*).

Porém, não nos referenciamos no conceito fundante da configuração platônica ética do *bíos* e sim afirmando um novo valor na interpretação do *aíon* para expressar a compreensão da unicidade, do indissociável trio *corpo-energia-mente* como a *forma-de-vida* contemporânea.

A invenção-de-si é um exercício ético atual e se efetiva por intermédio do PensArteCorpo.

O PensArteCorpo como método proposto pela *ética-da-vida* ou *aionética* vai além daqueles que a tradição filosófica ocidental concebeu como práticas que moldaram e ainda formatam o ser humano utilizando regras para a conduta (certa ou errada, permitida ou proibida etc.), às vezes, adquirindo características danosas para a subjetividade, principalmente, quando tal normatização se impõe como suprema ou absoluta.

Agora avançando no itinerário da sequência didática do nosso Módulo, este texto didático problematizará e investigará a dimensão da linguagem responsável pela invenção-de-si como um acontecimento ético característico do *Ethos*<sup>4</sup> a partir de conceitos e valores contemporâneos.

O problema de partida da pesquisa indaga: o que se vive como ser humano é precisamente caracterizado, definido, expresso pela linguagem banal prosaica?

O objetivo geral é investigar a arte como uma linguagem de expressão da experiência ética.

Uma consequência deste estudo, necessariamente, se desdobra na perspectiva de compreender a relação entre a arte, a *aionética* e o PensArteCorpo.

## 2 A linguagem da arte

Toda a realidade existente, tudo aquilo que se vive como um ser humano é precisamente caracterizado, definido, expresso pela linguagem trivial do cotidiano?

A ciência responderá não e apresentará a sua própria linguagem para interpretar e explicar a sua versão da realidade para além do senso comum.

Todavia, a linguagem científica alcança a totalidade do *sentir* humano?

O filósofo Gilles Deleuze no livro *Proust e os signos* indica o caminho para elaborar uma exploração, uma compreensão mais abrangente ao indagar se na produção do pensamento interpretativo da realidade existe algo além do sujeito e do objeto.

Para ele, o algo anterior à composição dicotômica metodológica (sujeito-objeto) é a *figura*, pois ela é uma dimensão constituída de signos imateriais que “ultrapassam tanto os estados da subjetividade quanto as propriedades do objeto”<sup>5</sup>.

Aqui um questionamento se impõe como necessário: como os indícios do signo imaterial constituiriam uma linguagem apropriada para interpretar a potencialidade do ser humano?

Logo, é uma exigência metodológica iniciar pela compreensão do conceito de *linguagem*.

<sup>4</sup> Cf. Texto didático 2: *Bioética com o sentido de ética-da-vida ou aionética*.

<sup>5</sup> Cf. DELEUZE, G. *Proust e os signos*. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 35-36.

A interpretação do significado de linguagem caracteriza o que se é como humano, pois por meio dela, se determina a forma e a matéria não só do mundo, mas também de nós mesmos, de nosso pensamento e da nossa experiência de vida<sup>6</sup>.

O pensamento se concretiza a partir de palavras que nos conformam segundo a linguagem que nos pertence.

Portanto, tal experiência é sempre individual, um pertencimento próprio e distinto em cada indivíduo.

Agora, em sequência, se redimensiona a problemática: qual é a linguagem capaz de expressar e de compreender o algo que *se sente* e não se mensura pela percepção do “eu racional ou científico”?

A resposta busca uma linguagem peculiar que atenda à exigência de enunciar uma dimensão especial que caracteriza prioritariamente a singularidade humana.

Ora, esta linguagem é a arte. Nela, duas referências se destacam.

A primeira diz respeito à sua natureza. Arte é um *afeto* que nos sensibiliza.

A segunda concerne à atividade de produção, arte é um *saber-fazer* cujo produto é uma obra.

Para os pensadores franceses Gilles Deleuze (1925-1995) e Felix Guattari (1930-1992), o que perdura na obra de arte é um “bloco de sensações”<sup>7</sup>. A capacidade do artista de produzir o bloco de sensação requer um método que mudará de acordo com cada autor e com as peculiaridades da obra.

Neste texto didático, a palavra arte será compreendida, genericamente, como uma manifestação da atividade humana diante da qual o sentimento é de admiração.

Entretanto, é necessário assinalar que a interpretação do que seja arte e da legitimidade do seu discurso só se efetivam quando inseridos em uma determinada cultura.

Por cultura, entende-se um conjunto de padrões comportamentais, de crenças, de instituições e de valores transmitidos coletivamente que caracterizam uma sociedade.

Os objetos artísticos encontram-se entrelaçados aos contextos culturais, há uma relação simbiótica: nutrem a cultura e são nutridos por ela. Eles só podem ser apreendidos a partir dela.

De acordo com Jorge Coli<sup>8</sup>, crítico e professor de História da Arte, o juízo do valor da obra de arte não é de caráter simplesmente técnico, pois a natureza dela é de extrema complexidade.

As obras de arte são sempre mais do que nos dizem as definições ou o que estabelecem as classificações.

A arte promove uma relação intrínseca entre a cultura e a vida, pois se produz outra possibilidade do ser humano a partir de elementos extraídos do mundo sensível, um mundo único inventado por ele mesmo.

A arte nos ensina sobre o próprio universo de cada um.

### **3 A arte produz liberdade**

Quando alguém produz arte, declina da sua “dimensão subjetiva”, da sua “consciência” e se lança em salto para o *fora*.

Na linguagem comum, o termo *fora* designa um significante de lugar, de exterior; entretanto, no âmbito da literatura, ele teve o seu sentido transformado por

---

<sup>6</sup> Cf. LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015, p. 58.

<sup>7</sup> Cf. DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 213 e ss.

<sup>8</sup> COLI, J. *O que é arte*. 15° ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Maurice Blanchot (1907-2003), filósofo, escritor e crítico literário francês contemporâneo.

A ideia dele do *fora* será transplantada para este texto didático.

O *fora* não é um conceito<sup>9</sup>. Ele é uma estratégia de pensamento atuando como uma função, um deslocamento, uma relação, uma experiência.

A experiência do *fora* nos tira do plano da lógica cognitiva e nos lança diante do acaso, do imprevisível, em que as nossas relações com o senso comum são rompidas, abalando certezas e verdades.

A perspectiva é colocar-se além do campo empírico, do eu, da racionalidade. Entretanto, é preciso afirmar: não se trata do mundo da teoria, não é o suprassensível de Platão ou o transcendente da dimensão religiosa.

A experiência é um acontecimento em que não há o domínio do *ego*, pois se trata de uma relação entre o plano da imanência constituído de forças virtuais e o plano do saber em que o virtual se torna atual expressando algo (em formas ou modos de ser) que, geralmente, não é captado pela cognição.

Com isso, se faz visível o que não se vê ou se faz sentir afetos que possibilitam gestos de invenção, de crítica e de resistência ao que se vive.

Um exemplo: o quadro *Alegria de viver* de Henri Matisse (1869-1954).

O que se vê nesta linda alegoria? Ou melhor, que afeto nos é possibilitado pela experiência do *fora* de um plano imanente, mas além da visão?

Uma resposta singular: várias formas-de-vida expressando o cuidado de si, o cuidado com o outro(a), o cuidado com a natureza, o cuidado com o coletivo (a ciranda), a relação maravilhosa entre o ser humano e a música etc.

Para nós, o *salto para o fora* oportunizado pela arte produz liberdade.

Liberdade é uma daquelas palavras que se sabe e não se sabe ao mesmo tempo. Em algum momento da vida, se experimenta algo em relação ao qual só mais tarde se compreende que isso era liberdade.

O seu significado se torna claro a partir do contexto no qual a palavra se insere ou pertence, pois ser liberto concerne a relações.

O ser humano é livre de e/ou para qualquer coisa situada nas condições possíveis da sua existência; mas, sobretudo, se vive a liberdade em relação àquilo que antes era determinado, pré-fixado, imobilizador.

Em suma, ser livre é viver o destino que se inventa: liberdade é a potência que atualiza o valor da vida humana.

#### **4 A relação entre a arte e a bioética como *ética-da-vida* ou *aionética***

O que entrelaça a arte e a bioética como *ética-da-vida* ou *aionética* é o próprio método de produzir o saber ético como uma experiência de vida.

Este método é chamado de PensArteCorpo. Ele é constituído de dois movimentos articulados: a desconstrução do assujeitamento, do encarceramento do eu<sup>10</sup> e a invenção-de-si.

A desconstrução tem início com a crítica filosófica e a experiência inventiva se faz por intermédio da linguagem da arte, pois com isso se afirma o gesto ético de se buscar a liberdade que possibilita uma *forma-de-vida* resistente ao *biopoder*.

A arte se relaciona com a atividade de invenção propiciada pelo PensArteCorpo na dimensão do *fora*.

---

<sup>9</sup> LEVY, TS. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

<sup>10</sup> Já estudados no texto didático anterior.

Qual o significado disso para a nossa vida?

Em síntese, para a *ética-da-vida* ou *aionética*, o exercício do PensArteCorpo não é um procedimento controlado pela cognição instalada em uma instância do tipo eu, sujeito, consciência etc. como ocorre no processo do conhecimento de si ou do autoconhecimento.

A invenção-de-si é um contraponto a eles, pois sendo produzida pelo PensArteCorpo e mediada pela linguagem da arte elabora um novo valor paradigmático para a vida humana.

Eis aqui o principal: o exercício ético inventivo é a potência<sup>11</sup> que propicia a liberdade da transformação de alguém, pois a arte inventa o perigo.

Neste, se experimenta a vida e se molda o *Ethos* a partir da unicidade *corpo-energia-mente* que se faz *sentir* como um *afeto*, um *pathos*, uma *paixão*, uma realidade *psicofísica*.

## 5 Considerações finais

O *Homo sapiens* ao conquistar o *self-autobiográfico*, adquiriu também uma necessidade humana que se fez um pertencimento, um enigma e, sobretudo, uma problemática:

Qual é o significado, o valor da minha vida? Como posso conduzi-la? Para onde devo direcioná-la?

Isso só se coloca para quem compreende que a vida biológica, nua e crua, não basta para caracterizar o seu próprio ser.

Somente o gênero humano (o homem e a mulher) é capaz de produzir a experiência do *self-autobiográfico* e se desafiar a ultrapassá-la.

A se aventurar em uma navegação para além da platônica, a inventar-se pela proposta da *ética-da-vida* ou *aionética*.

No livro *Deleuze, a arte e a filosofia*, Roberto Machado afirma que, para o filósofo francês, “o objetivo da arte é dar acesso ao corpo aquém da organização, à vida não estabilizada em órgãos diferenciados, à vida como força inorgânica sob a forma orgânica”<sup>12</sup>.

Essa é a relação de valor fundamental da nossa pesquisa:

A arte como meio de viver o *aión*, em outras palavras, a arte possibilita atingir a vida que se faz como uma diferenciação do virtual.

Para nós, diferenciar é produzir, fazer surgir o novo, inventar e promover modos de ser, formas-de-vida na imanência.

A arte expõe os seres em sua indeterminação, em sua potência original, revelando a sua presença antes que eles se tornem de fato.

A arte é a atualização da potência do ser.

Por isso, se diz que o artista é a “antena da raça humana”.

A arte expande a fronteira do enigma do ser humano e o auxilia na busca de expressar o inominável da vida e do viver.

Enfim, ela é a invenção encontrada pelo homem para a necessidade de justificação da sua vida porque arte é o singular que o salva da vida sem valor.

E assim se justifica a invenção-de-si como um exercício de experiência ética vivenciada pela arte constituindo o modo de ser humano na singularidade de uma forma-de-vida autêntica, imanente e efetivada por intermédio do PensArteCorpo.

---

<sup>11</sup> A potência é o *tornar-se criança*, a terceira figura do discurso de Zaratustra de Nietzsche.

<sup>12</sup> MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010, p. 233.